

CIBERTEXTUALIDADES

Publicação da Universidade Fernando Pessoa



TEMA DE CIBERTEXTUALIDADES 07

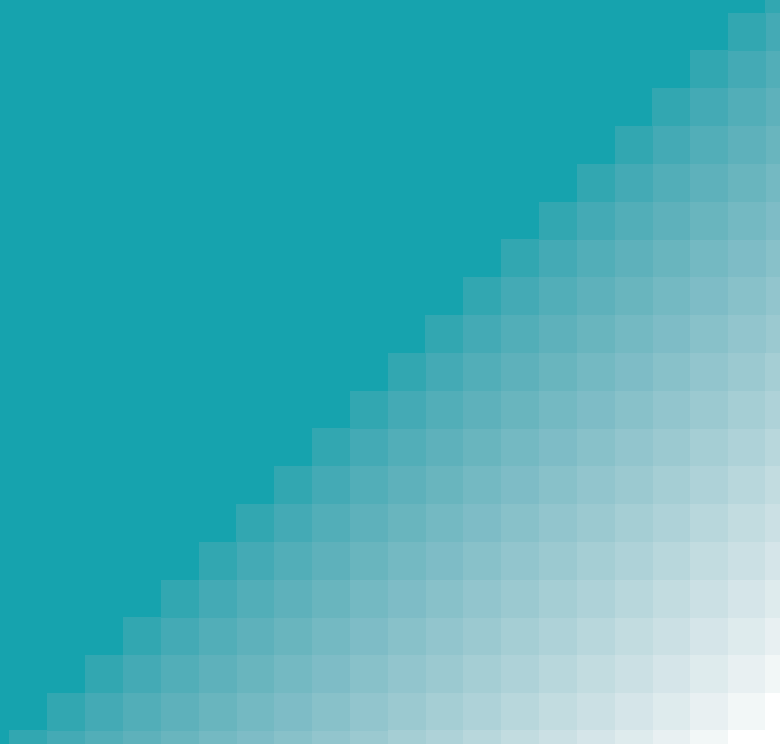
ESTUDOS SOBRE **ANTÓNIO ARAGÃO**

Organização de **Rui Torres**



ANTÓNIO ARAGÃO: A POESIA COMO ATO EXPERIMENTAL

FÁTIMA PITTA DIONÍSIO



INTRODUÇÃO

Quando o Professor Doutor Rui Torres me convidou para participar numa homenagem ao poeta vanguardista António Aragão (A.A.) aceitei, com prazer, o desafio por me ser grato lembrar, pela escrita, o amigo que partiu há seis anos, mas cuja memória poética e artística se mantém viva.

Como algures defendi, A.A. foi um escritor intemporal tendo transitado, nos anos 50, das experiências modernistas de *Arquipélago* e de *Búzio* para o concretismo e, já mais perto dos anos 60, para o experimentalismo no qual se afirmou, ao lado de Ernesto de Melo e Castro e Ana Hatherly, entre outros, como um expoente máximo.

Defendendo um conceito de poesia experimental António Aragão logrou realizar uma arte que, vencendo todas as barreiras, se impôs definitivamente junto dos críticos e dos leitores.

UM CONCEITO DE POESIA FUTURANTE

Tido por “um dos mais activos intervenientes do Experimentalismo português” (Sousa e Ribeiro 2004: 348) o seu estro consumou-se em várias experiências poéticas. Soube, como poucos, aliar a poesia às restantes artes construindo um edifício poético singular.

Para ele “a poesia começa onde o ar acaba”. É, por conseguinte, respiração, uma respiração do mundo, autêntica experiência do sentir e sobretudo do pensar. Onde o poeta encontrou a forma mais acabada de poesia operou-se uma verdadeira revolução estética e crítica. Um ver o mundo e a vida de um prisma muito próprio e experimental. É assim o experimentalismo aragónico.

O poeta exprimiu-se experimentalmente socorrendo-se de eletrografias, fotocópias, colagens e textos-imagens.

Tanto na opinião de Carlos Mendes de Sousa e de Eunice Ribeiro, bem como na de Ana Ha-

therly, a poesia experimental é, na sua essência, claramente visual. Assim sendo, António Aragão fez do ato poético um ato experimental vincadamente visual e futurante.

Foi entre os anos 60 e 90 que a sua nova produção lírica se consumou numa criatividade magistral, dando lugar a novas experiências cada vez mais inovadoras, daí ocupar o lugar cimeiro no mundo literário e artístico do país e do estrangeiro.

No ensaio crítico “o público e as novas morfologias” (*Búzio*, 1956), Aragão chamava já a atenção dos demais criadores para a necessidade de encontrarem novos caminhos para as artes, rompendo definitivamente com os modelos de escrita tradicionais. Daí ao experimentalismo foi um passo. Nele estava prestes a operar-se a transformação da poesia num puro ato experimental, ato esse que serviria para intervir social e politicamente contra o *statu quo*. Aragão acreditava firmemente no poder transformador da arte, de toda a arte, a qual, sendo revolucionária, acabaria finalmente por ser aceite.

Ainda em *Búzio* escrevia: “hoje a arte dessacralizou-se (...) acabaram-se as obrigatórias estipulações, os ciclos fechados, a secas gramáticas e as fórmulas desabitadas” (p. 100). Mais à frente acrescentou: “(...) a aventura artística caminha sempre do improvável ao possível constantemente fazendo e refazendo este longo caminho inesgotável de previsões e imprevistos. Exactamente a arte surge como um jogo necessário onde as possibilidades são incontáveis.” (p.103).

Na arte de criar atos poéticos, Aragão foi muito influenciado pelos vanguardistas italianos com os quais manteve contactos. Este caminho novo haveria de fazer surgir os *Cadernos de Poesia Experimental* em que Herberto Helder colaborou, tendo-se depois distanciado, enveredando por um género de escrita muito própria.

Aragão afirmou: “(...) contactamos em Itália com Nanni Balestrini e a sua poesia electrónica. Ele próprio nos explicou tudo o que se passava e

imediatamente fomos seduzidos pela experiência em língua portuguesa. Com a colaboração do poeta N. Balestrini e dum programador de cérebro IBM construímos mais de três mil variações do mesmo grupo de versos. Em seguida o cérebro IBM tentou todas as combinações. É indiscutível o alto nível lírico de alguns poemas. Aqui um homem fabrica o próprio computador de possibilidades colocando-se depois como fruidor atento perante o milagre do imprevisível”.

A poesia aragónica como ato experimental socorreu-se, como vemos, das novas tecnologias, sobretudo dos computadores, para criar criticando e criticar criando.

É de toda a justiça que relembremos a importância que o Movimento da Poesia 61 teve na afirmação do poeta aragónico, pois, além de preconizar novas formas de escrita, criticava acerbamente o regime salazarista, a guerra colonial e o capitalismo.

É de salientar também a sua participação com Ernesto de Melo e Castro e Ana Hatherly, em 1967, nas revistas experimentalistas *Operação 1 e 2*, que decisivamente contribuíram para o seu percurso futurante.

Datam já desse tempo importantes trabalhos de A.A. de carácter experimental tais como: *Telegramando, Mais exactamente p(r)o(b)lernas, Folhema 1 e 2*, e *Mirakaum*. Dos anos 70 e 80 destacamos, aqui, *Os Bancos...* e *Metamenas*.

Assim a escrita aragónica: profundamente original e revolucionária, propondo um novo modo de ver, sentir e viver num mundo para cuja transformação procurou contribuir.

CONCLUSÃO

Pelo que aqui fica escrito não podem, o país e a Madeira, deixar cair no esquecimento a obra ímpar de António Aragão, justamente homenageada como escrita futurante, uma escrita que abriu caminhos à criatividade de outros poetas, alguns

dos quais tiveram a dita de com ele conviver e participar em publicações e eventos de ordem cultural e literária.

REFERÊNCIAS

- MELO E CASTRO, E. M. de (1965). *A Proposição 2.01 - Poesia Experimental*. Lisboa, Ulisseia.
- MELO E CASTRO, E. M. de & J.-A. MARQUES, orgs. (1973). *Antologia da Poesia Concreta em Portugal*. Lisboa, Assírio Alvim.
- MELO E CASTRO, E. M. de (1976). *Dialéctica das Vanguardas*. Lisboa, Livros Horizonte.
- MELO E CASTRO, E. M. de & M. A. MENÉRES (1979). *Antologia da Poesia Portuguesa 1940-1977*. Lisboa, Moraes Editores.
- MELO E CASTRO, E. M. de & A. HATHERLY, orgs. (1981). *Po.Ex. Textos teóricos e documentos da Poesia Experimental Portuguesa*. Lisboa, Moraes Editores.
- MELO E CASTRO, E. M. de (1984). *Projeto Poesia*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- MELO E CASTRO, E. M. de (1987). *As Vanguardas na Poesia Portuguesa do Século XX*. 2ªed. Lisboa, Instituto de Cultura e língua Portuguesa.
- MELO E CASTRO, E. M. de (1983). “António–Escrita–Aragão”, *Ler/Escrever*, nº111, Suplemento Literário do Diário de Lisboa, 19-05-1983.
- DIONÍSIO, F. P. (1997). “O Experimentalismo em António Aragão”, *Islenha*, nº 20, Funchal, p. 12-20.
- DIONÍSIO, F. P. (2011). “António Aragão: o Experimentalismo como expressão Literária”, *Margem 2*, nº 28, Funchal, p.107-113.
- ROCHA, L. (1998). “Poesia Experimental: Crónica de uma morte adiada”, *Diário de Notícias, Revista*, 18-06-1998, Funchal (entrevista a E. M de Melo e Castro).
- SCHULER, D. (1982). “Fios para tecer o épico e o lírico”, Estado de São Paulo, 19-01-1982.
- SILVEIRA, J. F. da (1986). *Portugal, Maio de Poesia 61*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- SOUSA, C. M. de & E. RIBEIRO, orgs (2004). *Antologia da Poesia Experimental Portuguesa, Anos 60 – Anos 80*. Coimbra, Angelus Novus.

ISSN 1646-4435

